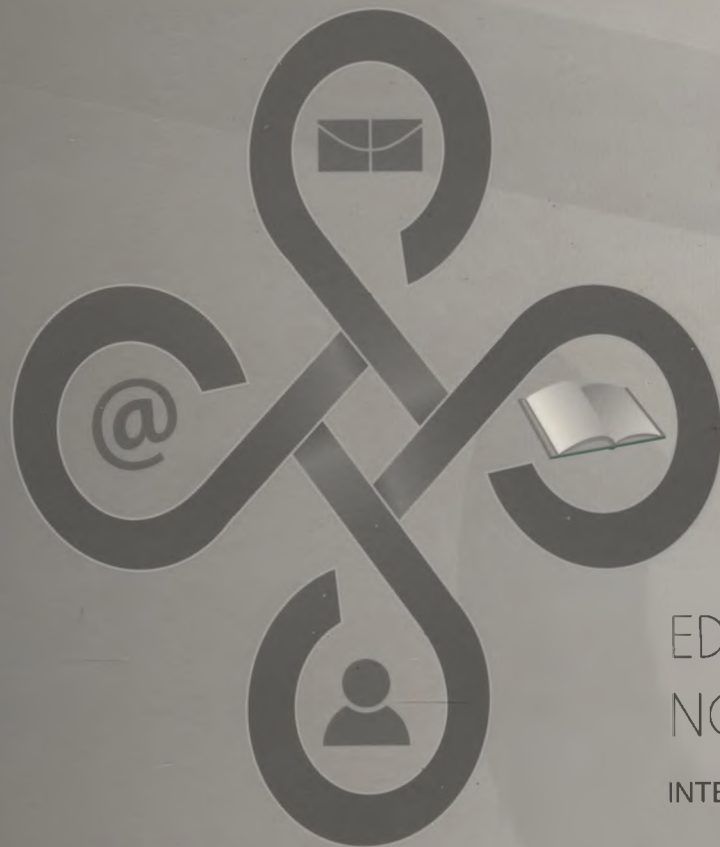


Maria Lidia Bueno Fernandes (Org.)



EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO ENSINO SUPERIOR:

INTERLOCUÇÃO, INTERAÇÃO E REFLEXÃO
SOBRE A UAB NA UNB

8.432

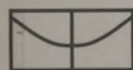
N. Cham.: 37.018.432 E24dc

Título: Educação a distância no ensino superior
: interlocução, interação e reflexão sobre a
UAB na UnB.



10441108

Ac. 1024807

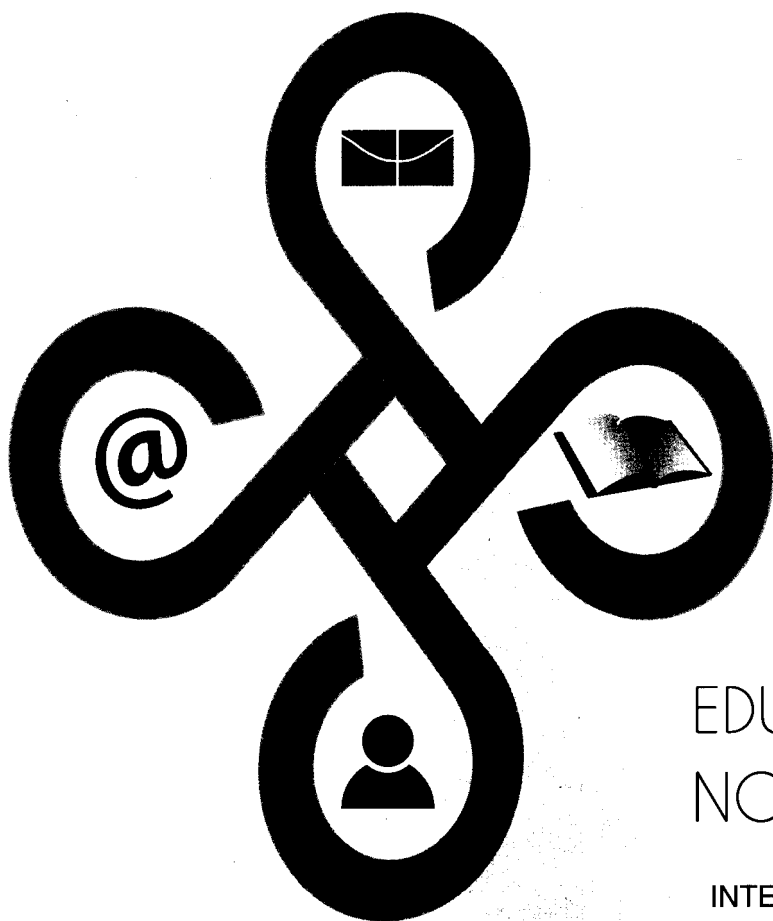


UnB



50 1962
2012

Maria Lidia Bueno Fernandes (Org.)



EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO ENSINO SUPERIOR:

INTERLOCUÇÃO, INTERAÇÃO E REFLEXÃO
SOBRE A UAB NA UNB

EDITORA

UnB

 UnB

 50 ¹⁹⁶² ₂₀₁₂



Reitor

José Geraldo de Sousa Junior

Vice-Reitor

João Batista de Sousa

Decanato de Ensino de Graduação

José Américo Soares Garcia

Diretoria Técnica de Graduação

Sérgio Antônio Andrade de Freitas

Diretoria de Ensino de Graduação a Distância e

Gestão da Informação

Iran Junqueira de Castro

Coordenação Operacional de Ensino de Graduação a Distância

Coordenação Institucional do Programa

Universidade Aberta do Brasil

Maria Lídia Bueno Fernandes

Rui Seimetz - Coordenação Adjunta

EDITORA



UnB

Diretora

Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino

Maria Lidia Bueno Fernandes (Org.)

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO ENSINO SUPERIOR:

INTERLOCUÇÃO, INTERAÇÃO E REFLEXÃO
SOBRE A UAB NA UNB



UnB



50¹⁹⁶²
2012

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

Decanato de Ensino de Graduação
Campus Universitário Darcy Ribeiro – Prédio da
Reitoria – Térreo
CEP: 70910-900 Asa Norte – Brasília – DF, Brasil
Tel.: (61) 3368-4027 Fax: (61)3349-3730
Home page: www.unb.br

EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,
2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF
Telefone: (61) 3035-4200
Fax (61) 3035-4230
Site: www.editora.unb.br
E mail: contato@editora.unb.br

EQUIPE EDITORIAL

Editora de publicações

Nathalie Letouzé Moreira

Coordenação de produção gráfica

Marcus Polo Rocha Duarte

Revisão

Lara Litvin Villas Bôas

Ramiro Galas Pedrosa

Supervisão gráfica

Elmano Rodrigues Pinheiro e Luiz A. R. Ribeiro

Capa e Diagramação

Sanny Saraiva

Impresso no Brasil

Direitos exclusivos para esta edição: Editora Universidade de Brasília

Copyright © 2012 by Editora Universidade de Brasília. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica

E24 Educação à distância no ensino superior : interlocução, interação e reflexão sobre a UAB na UnB / Maria Lídia Bueno Fernandes (Org.). _ Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2012.

230 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-230-1057-7

1. Educação à distância. 2. Avaliação institucional. Avaliação de disciplina. 4. Polos de apoio presencial. 5. Tutoria. 5. Formação de autores em EaD. I. Fernandes, Maria Lídia Bueno (org.)

CDU 37.018.432

SUMÁRIO

GESTÃO

EaD na UnB: os desafios da gestão para construção de um projeto de EaD no ensino superior – questões teórico-metodológicas19

Maria Lídia Bueno Fernandes
Diva Albuquerque Maciel
Cristina Madeira Coelho
Ana Lúcia de Abreu Gomes
Germana Menezes da Nóbrega

Perspectivas de aplicação do princípio da proveniência na Coordenação de Documentação e Memória Institucional da UAB/UnB.....51

Tânia Maria de Moura Pereira
Ana Lúcia de Abreu Gomes
Fernanda de Oliveira Cândido
Marcus Vinícius Gonçalves Silva

PAPÉIS DO PROFESSOR TUTOR

Professor em ambientes virtuais de aprendizagem: dialogando sobre a tutoria na modalidade de EaD.....67

Suely Scherer

AVALIAÇÃO

Avaliação institucional e da aprendizagem em educação a distância: cenários convergentes para a educação conectada93

Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida

Educação a distância e avaliação na UnB113

Silene P. Lozzi

A Universidade Aberta do Brasil na Universidade de Brasília: análise de indicadores de avaliação e acompanhamento dos cursos121

Girleene Ribeiro de Jesus
Jaíne Gonçalves Araújo

A pesquisa avaliativa como estratégia de avaliação institucional em EaD: a experiência da graduação em Pedagogia137

Elizabeth Danziato Rego

POLOS

Refletindo os cenários convergentes e conectados para a EaD161

Laura Maria Coutinho

TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

TIC na educação: buscando soluções técnicas práticas.....171

Carlos Alberto Gonçalves

Análise ergonômica do trabalho na atividade de educação a distância UAB/UnB187

Sergio Luis dos Santos-Lima

PAPÉIS DO
PROFESSOR
TUTOR

Professor em ambientes virtuais de aprendizagem: dialogando sobre a tutoria na modalidade de EaD

Suely Scherer

Prof.ª da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul-UFMS
Pesquisadora na área de educação a distância

Introdução

Os cursos na modalidade de educação a distância-EaD começaram com experiências que reproduziam a educação como espaço/tempo de transmissão de informações, com a diferença que os alunos ficavam distantes fisicamente. Contudo, hoje, muitas são as experiências que comprovam que a educação em uma abordagem de construção de conhecimentos pode também acontecer existindo distância física entre professores e alunos, ou seja, há “modelos” de educação presencial, como há “modelos” de EaD que educam e outros que “deseducam”. Nas palavras de Paulo Freire, há os modelos que formam e há os que deformam. Como educadores que se entendem como eternos aprendizes, temos sempre a possibilidade de fazer nossas escolhas, aprofundar estudos, debates, reflexões e ações.

Nessa perspectiva, neste artigo apresentam-se reflexões e estudos sobre papéis do professor tutor, a partir de um modelo de EaD focado na abordagem da construção do conhecimento e na integração de tecnologias digitais nos processos de ensino e aprendizagem dessa modalidade.

Ao discutir modelos e abordagens de uma modalidade de educação, como a EaD, precisamos debater o que se compreende por aula também nessa modalidade. Ao fazê-lo, é necessário tratar de processos de ensino e de

aprendizagem, além dos papéis do professor e do aluno. Assim, surgem algumas questões que nortearam os estudos aqui apresentados: ao desenvolver um curso na modalidade EaD, muda-se apenas o fato de professor e alunos estarem em espaços físicos diferentes? Se estão em espaços físicos diferentes, como ocorre a aula? Basta organizar um material impresso ou digital e “ele” é a aula? Qual o papel do professor na modalidade de EaD?

O objetivo deste artigo é apresentar e oportunizar reflexões sobre papéis do professor tutor nesta modalidade, destacando a sua atuação em ambientes virtuais de aprendizagem. Para discutir esses papéis, inicialmente, discutem-se conceitos de EaD e de aula nesta modalidade.

É importante destacar que não é objetivo deste artigo discutir o papel do professor como tutor do aluno, que se limita, segundo a origem da palavra do latim *tutor*, a ser “guardião, vigia” e que, em algumas universidades, é compreendido como o profissional responsável por apenas receber produções dos alunos, avaliá-las e dar retornos a “tarefas” e às dúvidas. Isso também é papel do professor tutor, mas a dimensão dessa tarefa é redimensionada diante dos papéis discutidos neste artigo.

Neste trabalho, partindo da origem da palavra, consideramos que o tutor, ao ser “guardião, vigia”, é professor que guarda e vigia o processo de aprendizagem do aluno, vivenciando uma espera vigiada (FAZENDA, 2003). Isso significa ser a espera de um vigia, um guardião que não descansa, pois, atento a tudo e a todos, espera pela mudança enquanto questiona o aluno, observando-o e analisando-o, procurando no estudante e em suas produções algo que possa desafiá-lo a novas descobertas e aprendizagens.

Aulas na modalidade de EaD: espaço/tempo de interação entre alunos e professor

Ao debatermos o papel de um professor em um espaço virtual ou em outros espaços para educar a distância, discutimos a atitude que precisa estar presente em qualquer ação educativa, seja em um espaço presencial, seja a distância. Sem essa consideração, não estamos discutindo educação, habitação de espaços, mas ocupação de espaços e tecnologias, ou seja, sobre “visitar” e passar pelos espaços e informações.

Assim, precisamos compreender o que é EaD, que, sendo “educação a distância”, não é “ensino a distância”, considerando que o uso de uma palavra carrega sentidos e significados que precisam ser conhecidos por aqueles que a usam, possibilitando uma ação crítica pela/na coerência entre o que se diz e o que se faz. A ação de ensinar está vinculada a um processo de transmissão de informações de um “lado” para outro. De um “lado”, alguém que ensina/informa, ou seja, o professor; de outro “lado”, quem supostamente aprende, o aluno.

A ação de educar é uma ação na qual todos (professores e alunos) ensinam e aprendem, coordenados pelo professor – coordenados, não direcionados. É uma ação em que o professor, então educador, não apenas informa, mas estabelece uma interação com os alunos e, ao coordenar o processo, sendo conhecedor profundo de sua área, é também aprendiz na busca constante de novos conhecimentos em todos os espaços. Enfim, é preciso pensar a EaD como espaço de educação, e não apenas de ensino.

O ensino, arte ou ação de transmitir os conhecimentos a um aluno, de modo que ele os compreenda e assimile, tem um sentido mais restrito, porque apenas cognitivo. A palavra ensino não é o suficiente. [...] A missão desse ensino [educativo] é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre. [...] Mas a educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas (MORIN, 2001, p. 11).

A EaD, compreendida como educação a distância, com ou sem o uso de tecnologias digitais e de ambientes virtuais, precisa ser compreendida como modalidade de educação. Dessa forma, por ser educação, a proposição de cursos na modalidade de EaD pode conservar algumas ações presentes no processo de educação presencial, mas o desafio é pensá-la como modalidade distinta, que possui características próprias; e esse desafio inicia pelo fato de professores e alunos estarem distantes fisicamente.

Assim, como discutir aula na modalidade EaD? Afinal, a aula é um dos elementos que orienta a prática docente, a educação, sendo reveladora de pressupostos que norteiam essa prática. É a partir dela que se estabelecem as relações de ensino e de aprendizagem, entre professores e alunos, em diferentes espaços/tempos da educação formal. Portanto, como pensar a aula na modalidade de EaD? Ela deixa de existir ou tem características próprias da modalidade?

Resgatando alguns conceitos, podemos trazer o de aula universitária de Masetto (2001, p. 84), que nos orienta para discutirmos o conceito de aula:

espaço e tempo no qual e durante os sujeitos de um processo de aprendizagem (professor e alunos) se encontram para juntos realizarem uma série de ações (na verdade interações) [...]. Onde quer que possa haver uma aprendizagem significativa buscando atingir intencionalmente objetivos definidos aí encontramos uma “aula universitária”.

A partir do conceito apresentado pelo autor, podemos observar que a aula não está limitada a um espaço físico determinado e um horário fixo. Ela pode acontecer em quaisquer espaços e tempos que possibilitem o desenvolvimento de ações, interações entre alunos e professores, que oportunizem aprendizagens a partir de um objetivo, uma intencionalidade do professor. Entre os espaços possíveis para uma aula, podemos citar os ambientes virtuais.

A partir dessa afirmação, surgem novas questões para reflexão: como desenvolver uma aula em ambiente virtual se não for com o uso de tecnologias como a videoconferência ou webconferência, em que todos estão ao mesmo tempo conectados e sendo “vistos”? E, mesmo com essas tecnologias, como desenvolver uma “série de ações/interações”? Diante dessas questões, temos de discutir a presencialidade, que está relacionada à aula na modalidade de EaD, ao encontro entre professores e alunos para realizarem as ações e interações que se constituem em aulas.

As aulas não presenciais caracterizam-se pela não presença de professor e alunos em um mesmo espaço físico. No entanto, essas aulas, na modalidade de EaD, podem ocorrer em ambientes virtuais, com o encontro entre professor e alunos; são presenças virtuais, com ações e interações síncronas ou assíncronas, definidas por um período de aula, orientadas por um objetivo de aprendizagem.

As aulas na modalidade EaD, pensadas para os cursos superiores, na busca pela qualidade de ensino e da aprendizagem, no encontro entre professores e alunos, precisam ser organizadas a partir dos projetos de curso, em forma de “atividades pedagógicas que sejam mais eficientes e mais eficazes para colaborar com a aprendizagem de nossos alunos e melhorar a qualidade de nossos cursos de graduação” (MASETTO, 2001, p. 18).

Essa qualidade, na EaD, pensada em tempos de nativos digitais,¹ internet, Web 2.0 – em tempos em que muitas pessoas não são mais apenas consumidoras, mas produtoras de informações – faz com que a aula e o papel do aluno não possam mais ser centrados no consumo de informação. O estudante precisa ser compreendido como produtor de informações, construtor de seu conhecimento, em processos contínuos de ação e interação, a distância. Torna-se necessário pensar a aula, o encontro entre professor e alunos – e entre alunos –, como espaço/tempo de ações e interações que favoreçam o ensino de diferentes áreas e a aprendizagem do estudante.

1 Segundo Prensky (2010), são pessoas que têm muita facilidade em aprender a utilizar tecnologias digitais. Assim como têm maneira de pensar e de agir diferente de nós, os “imigrantes digitais”.

A compreensão da necessidade da aula na EaD, do “encontro” entre professores e alunos, para que a aula se constitua nessa modalidade, é que move a discussão em torno dos papéis do professor nesse âmbito. Masetto (2001) considera esse encontro necessário para que se estabeleçam processos interativos entre professor e alunos. Para Fazenda (2003, p. 39), a educação só faz sentido se existirem encontros: “a educação só tem sentido no encontro, a educação só se faz *avec*, ou seja, a educação só tem sentido na ‘mutualidade’, numa relação educador-educando em que haja reciprocidade, amizade e respeito mútuo”.

Assim, é preciso ter clareza da importância e da intencionalidade de cada encontro, de cada aula. Essas aulas precisam ser planejadas e acompanhadas pelo professor, compreendido como tutor na modalidade EaD. São aulas pensadas com o uso de diferentes materiais e tecnologias digitais, seja material próprio do curso, organizado por uma equipe multidisciplinar, seja outros materiais selecionados pelo professor, em parceria com professores da área. Moran (2002) afirmava que os cursos devem:

ser focados na construção do conhecimento e na interação; no equilíbrio do individual e o grupal, entre conteúdo e interação (aprendizagem cooperativa), um conteúdo em parte preparado e em parte construído ao longo do curso. [...] E somente podemos educar para a autonomia, para a liberdade com processos fundamentalmente participativos, interativos, libertadores, que respeitem as diferenças, que incentivem, que apoiem, orientados por pessoas e organizações livres.

Assim, a aula torna-se um espaço/tempo de construção coletiva, em que tanto professor como aluno fazem parte da cena. No entanto, ainda há muito por discutir sobre aula, sobre o espaço/tempo de ações e interações organizado com intencionalidade, sobre a formação de um sujeito que vive/viverá em um mundo de nativos digitais, que precisa cada vez mais incluir e menos excluir, compartilhar além de distribuir, produzir além de consumir, aprender e ensinar.

Assim, torna-se relevante discutir alguns papéis do professor, que, para caracterizar sua atuação na modalidade de EaD, em espaços virtuais de ensino e de aprendizagem, chamaremos de professor tutor. É importante destacar que, neste artigo, não se pretende esgotar a discussão sobre o papel do professor tutor, estamos apenas iniciando, pois ainda há muito por discutir.

Papéis do professor em ambientes virtuais de aprendizagem: habitando a tutoria a distância

A partir da discussão sobre aulas em cursos da modalidade de EaD, iremos discutir papéis de um dos atores dessas aulas, o professor tutor. É importante observar que estamos considerando que a aula é um espaço/tempo de ações e interações entre professor e alunos, organizada a partir de um objetivo de aprendizagem, de acordo com o previsto no currículo prescrito no projeto de curso. Assim, as ações e os papéis do professor tutor não são isolados, desconexos, estão vinculados a um currículo prescrito² no projeto de curso, organizado em disciplinas, módulos, estudo por temáticas, estudo por projetos de ensino ou por projetos de aprendizagem, que são detalhados em planejamentos de aulas; aulas que, no caso da EaD, são desenvolvidas pelo professor tutor em tempos e espaços diferidos.

O currículo prescrito é posto em ação por professores tutores e alunos, podendo ser alterado ao longo do processo. Segundo Almeida e Valente (2011, p. 15), “os professores tomam decisões por antecipação das situações e ressignificam o currículo prescrito, que ganha novos contornos na prática segundo a abordagem pedagógica abraçada pelo professor”.

2 O currículo prescrito é compreendido como a organização prévia de conteúdos, recursos e metodologias em formato específico para o curso, apresentado em regimentos, planos, programas de ensino, projetos, materiais didáticos, portais e outros documentos, segundo ideologias e interesses sociais de quem o organiza e observadas prescrições de documentos orientadores, dos gestores das políticas públicas (ALMEIDA; VALENTE, 2011).

Ao vivenciar o currículo em ação, é importante que o professor tutor se oriente pelo objetivo da proposta do curso, o perfil do egresso, o profissional que desejamos formar. O perfil do egresso do curso é o eixo norteador do currículo prescrito e da ressignificação desse no currículo em ação. Para os professores tutores tomarem consciência do seu papel no desenvolvimento do currículo, é preciso que eles reflitam continuamente sobre questões como: “o que, como, para que, para quem, a favor de quem” se organiza o ensino com vistas na “reconstrução do saber ensinado” (FREIRE apud ALMEIDA; VALENTE, 2011, p. 15).

O currículo em ação não se restringe a “passar o conteúdo” previsto em um projeto de curso, há intencionalidades, há a abordagem pedagógica adotada pelo professor tutor, pelo professor conteudista que organizou o material (que pode ser o professor tutor ou não); há interesses e dificuldades dos alunos, por vezes não considerados em materiais didáticos, ambientes de aprendizagem e aulas planejadas para a modalidade EaD.

O currículo se desenvolve na reconstrução desse conteúdo prescrito nos processos de representação, atribuição de significado e negociação de sentidos, que ocorrem primeiro no momento em que os professores elaboram o planejamento de suas disciplinas, levando em conta as características concretas do seu contexto de trabalho, as necessidades e potencialidades de seus alunos. [...] Em seguida, o currículo é ressignificado no momento da ação quando os professores alteram o planejado no andamento da prática pedagógica conforme as demandas emergentes de seus alunos (ALMEIDA; VALENTE, 2011, p. 14-15).

Nesse sentido, os papéis do professor tutor estão vinculados a um currículo prescrito e, anteriormente a sua ação, em muitos casos, há uma primeira ressignificação desse currículo quando a equipe de produção de materiais didáticos para EaD e professores conteudistas organizam o material para o curso. Já nesse primeiro momento de ressignificação, é preciso considerar quem são os alunos, suas particularidades, suas histórias, o perfil do egresso e a sociedade na qual irão continuar se desenvolvendo como profissionais e pessoas.

Outro elemento a observar na ação do professor tutor é a abordagem pedagógica prevista no projeto de curso, afinal, se o currículo prescrito foi organizado em uma abordagem de construção do conhecimento, é importante pensar em colocá-lo em ação a partir dessa abordagem, o que é um desafio. Em um curso com tal abordagem, não deveria ser permitido o uso de materiais pautados em abordagem de transmissão de informação.

A partir da organização dos materiais didáticos para EaD, novas ressignificações surgem do currículo prescrito quando este é colocado em ação em diferentes espaços e tempos da EaD, seja nos encontros presenciais, seja nas aulas e encontros a distância, pelo professor tutor. Para colocar o currículo em ação, este deveria ser continuamente estudado por gestores e professores tutores, sendo ouvidos os alunos. A ressignificação do currículo prescrito está vinculada aos papéis dos professores tutores (presenciais e a distância), dos gestores e da equipe da EaD da instituição. Vamos, porém, nos ater à discussão do papel do professor tutor a distância.

É importante observar que, para discutir esse papel, em que o professor atua em ambiente virtual, temos de compreender que espaço de aprendizagem é esse.

O espaço virtual é aquele anunciado por Michel Serres apud Lévy (1998) como o espaço da “não presença”. Tal espaço, segundo Lévy (1998), reinventa uma cultura nômade. Quando se virtualizam, as pessoas tornam-se “não presentes”, se desterritorizam. Elas não se tornam independentes de tempo e espaço de referência. Ao participar de momentos de educação no espaço virtual, podemos ter uma unidade de tempo para nos localizarmos, mas não temos uma unidade de lugar. É o caso de um debate em *chat*, em que dele todos participam em um mesmo tempo, mas podem estar em diferentes lugares fisicamente. O *chat* é um exemplo de aula com comunicação síncrona, em que todos estão conectados e ocupando ao mesmo tempo um espaço virtual, ainda que estejam em localizações com endereços diferentes.

O espaço virtual oferece uma nova caracterização para o fato de “estar juntos”. Podemos estar juntos em uma sala de aula em um prédio, como podemos estar juntos em uma “sala de aula virtual”. No primeiro caso, ao participarmos de um curso, temos de nos locomover de nossas casas ou local de trabalho até o prédio, em um determinado horário; para estarmos juntos em uma “sala de aula virtual” (fórum ou *chat*, por exemplo), podemos permanecer em diferentes lugares, distantes fisicamente ou não (poucos metros ou milhões de quilômetros) e nos unirmos independentemente de horário. É a interconexão, via internet, por exemplo, que torna possível, em diferentes horários e de diferentes lugares, podermos juntos dar início e continuidade a uma aula; é a possibilidade de continuidade de ação, na descontinuidade do tempo (SCHERER, 2005).

Assim, consideramos o ambiente virtual de aprendizagem um espaço de encontro, um espaço de aula na modalidade de EaD, um espaço virtual que comporta a entrada de muitas pessoas, que é democrático ao possibilitar o acesso a todos, ainda que tenhamos problemas com a via tecnológica de acesso a ele, sendo limitada em alguns lugares. O ambiente virtual não é um espaço físico, mas é real, pois estamos presentes nele, sentindo, aprendendo, comunicando, habitando, a partir de uma via de acesso física: o teclado, o monitor, o *mouse*, a internet. Assim como precisamos de uma via de acesso a qualquer espaço físico, também precisamos de uma via de acesso ao espaço virtual, sendo ambas vias físicas.

No entanto, tão importante quanto o ambiente virtual de aprendizagem para as aulas na modalidade EaD é a atitude em relação ao ambiente de aula, a atitude de professores e alunos diante da ação de ensinar e aprender. De nada adianta termos um ambiente de aula se ele não for habitado. O ambiente virtual, para que seja de aprendizagem, precisa ser habitado pelos sujeitos da aprendizagem: professores e alunos. É importante que tais sujeitos sejam habitantes do ambiente virtual de aprendizagem, das aulas, do curso. Segundo Scherer (2005, p. 60):

Os *habitantes* são aqueles que se responsabilizam pelas suas ações e pelas dos parceiros, buscando o entendimento mútuo, a

ação comunicativa, o questionamento reconstrutivo; o habitante está sempre sendo parte (sentido dinâmico) do ambiente. Portanto, o encontramos sempre no ambiente, pois ele também vive lá, observando, falando, silenciando, postando mensagens, refletindo, questionando, produzindo, sugerindo, contribuindo com a história do ambiente, do grupo e dele.

Assim, ao pensar no professor tutor como habitante da tutoria em ambientes virtuais, discutiremos a seguir alguns de seus papéis.

O professor tutor como articulador de espaços e tempos de aula

O papel do professor tutor a distância como articulador de espaços e tempos está relacionado à organização do ambiente virtual dos encontros, dos tempos e espaços das aulas em ambiente virtual de aprendizagem.

A partir das informações recebidas de guias de tutoria relacionadas ao desenvolvimento de uma disciplina, módulo ou curso, o professor tutor inicia o seu trabalho de organização do ambiente virtual de aprendizagem. Essa organização deve acontecer em uma parceria contínua entre o professor tutor, a equipe de gestão do curso (professores conteudistas, coordenadores, professores tutores presenciais e a distância) e a equipe de especialistas do núcleo de EaD (equipe multidisciplinar).

Essa parceria envolve o estudo do currículo prescrito do curso, incluindo o módulo ou a disciplina que está sob responsabilidade do professor tutor, bem como o estudo e a compreensão de como organizar o ambiente virtual de aula de forma a favorecer os processos de aprendizagem do grupo. Para essa organização de ambiente virtual da disciplina ou módulo, são necessárias informações sobre o grupo de alunos que irá habitar o ambiente, períodos e horários que o grupo possui disponibilidade para o caso de ações/aulas organizadas para momentos síncronos.

O professor tutor, conhecedor de sua área de atuação e do currículo prescrito do curso e da disciplina, planeja e organiza o ambiente virtual, pensa o *design* a

partir de desafios necessários à aprendizagem da área específica, cria sozinho ou em equipe multidisciplinar (*webdesigner*, técnicos em informática, pedagogos, especialistas da área específica e da área de tecnologias educacionais digitais, etc.) o ambiente virtual e materiais digitais produzidos especificamente para o curso.

É importante o uso de materiais didáticos digitais em diferentes linguagens e disponíveis na internet – *applets*, *softwares*, recursos da Web 2.0 (*blog*, *flog*, *facebook*, *twitter*, *youtube*), espaços de compartilhamento de informações, entre outros –, que contribuem para dar “a cara” da disciplina, do curso, do grupo que irá habitá-lo; são tecnologias digitais que contribuem para a aprendizagem dos alunos.

Esse papel do professor tutor é novo se pensarmos que ele está planejando um ambiente para trabalhar na modalidade EaD, afinal, envolve conhecimentos sobre como desenvolver aulas em ambientes virtuais, como encontrar e comunicar-se com os alunos usando tecnologias digitais. Envolve também conhecimentos sobre a integração de tecnologias digitais no processo de aprendizagem de conteúdos específicos, ou seja, não é o uso de tecnologias como um momento de “folga”, complementar aos estudos, mas sim de forma a contribuir, favorecer, viabilizar a aprendizagem de conceitos e procedimentos da disciplina ao longo do seu desenvolvimento: são as tecnologias digitais imbricadas ao currículo em ação da disciplina.

Com esse papel de articulador de espaços e tempos, o professor tutor disponibiliza espaços no ambiente virtual de aprendizagem para os encontros, para ações e interações com e entre os alunos. São espaços/tecnologias disponibilizados pela plataforma³ de EaD escolhida pelo curso e/ou universidade e outros disponíveis na *web*, linkados ao ambiente virtual a partir de endereços eletrônicos.

3 As plataformas de EaD favorecem a criação de ambientes virtuais de aprendizagem. Podemos citar algumas plataformas como: Moodle, TelEduc, AulaNet, Amadeus, Eureka, e-Proinfo, WebCT, LearningSpace, entre outras.

Os espaços/recursos disponibilizados nas plataformas costumam ser os de fóruns de discussão, *chats*, *wikis*, glossários, tarefas, entre outros. Daí a importância de linkarmos aos ambientes virtuais outros espaços/recursos que fazem parte da Web 2.0, investindo no uso de webconferências, blogues, *facebook*, *wikis*, espaços de compartilhamento de produção coletiva, como o Google Docs, além de *links* para *applets*, para aprendizagem de conceitos específicos a partir do uso da linguagem digital.

O ambiente virtual é o espaço central de encontro da aula, portanto, partimos de lá para vários outros espaços, deixando que cada aluno faça seus caminhos, seus hipertextos, sempre em torno de um objetivo comum da aula e habitando o ambiente da disciplina. Daí a importância de organizá-lo de forma a convidar os estudantes a habitarem-no, além de planejar os encontros atentando para a articulação de tempos e espaços. São tempos de ações e interações, nem muito curtos, nem muito longos. A coerência entre o tempo destinado a cada ação a distância é construída à medida que se adquire experiência como professores tutores a distância, em interação com grupos de alunos, observando suas necessidades e dificuldades.

Nesse sentido, a ideia de disponibilizar apenas ambientes virtuais informativos pouco ou nada tem a ver com ambientes virtuais educativos, ambientes de aula. É necessário pensar em espaços de aula para: disponibilizar materiais didáticos digitais, *applets*, *softwares*; *links*/entradas para redes sociais, blogues, *youtube*; realização de estudos individuais e em grupo, que possam ser acompanhados pelo professor tutor; compartilhamento e produções coletivas na *web*; fóruns; *chats*; webconferências etc.

No entanto, o objetivo não é apenas disponibilizar um ambiente que favorece a aprendizagem, mas planejar ações e interações com o uso de cada espaço/recurso, encontros, aulas virtuais que contribuam com a aprendizagem de cada aluno. Esses encontros precisam ser planejados e avaliados de tal forma que o ambiente e as aulas possam ser alterados ao longo do processo, do currículo

posto em ação, considerando particularidades dos sujeitos da aprendizagem, professores tutores e alunos.

O tempo dos encontros, das ações e interações nesse ambiente virtual precisa ser planejado, articulado pelo professor tutor, em parceria com a equipe gestora, considerando as demais ações do curso. Contudo, ao articular e planejar os tempos de aula, o professor tutor deverá também atentar aos processos de aprendizagem de cada aluno e turma nessa modalidade, considerando sempre as características específicas da EaD, a necessidade de habitar esse ambiente virtual de aprendizagem.

É importante ainda afirmar que, ao contrário de murais, que encontramos em muitos corredores de universidades, a disponibilização de material dos alunos em um ambiente virtual de aprendizagem não tem por objetivo apenas “exibir” tal material, mas discuti-lo com o grupo que habita o ambiente. Assim, é importante torná-lo disponível antes e durante o processo de produção, dando significado ao que é disponibilizado.

Este é um dos papéis do professor tutor. A seguir, discutiremos outro papel, que está relacionado ao acompanhamento da aprendizagem dos alunos, considerando que não basta pôr à disposição um ambiente para os encontros, é necessário habitar os encontros. Esse papel é o de orientador da aprendizagem dos alunos.

O professor tutor como orientador de aprendizagem

O professor tutor que habita o ambiente virtual sob sua responsabilidade está atento a tudo e a todos: aos movimentos, às aprendizagens, aos fazeres, aos saberes... Nesse sentido, preocupa-se com os materiais, recursos e informações que irá disponibilizar, com as que os alunos trazem e com as que estão disponíveis na *web*.

No entanto, como contribuir para transformar as informações em conhecimento? Por mais belamente que estejam disponibilizadas nos ambientes virtuais, as informações precisam ser organizadas, sintetizadas, situadas e contextualizadas pelos alunos para gerarem conhecimento. E não é o professor tutor que transforma as informações em conhecimento para o aluno, ele apenas o orienta e desafia nessa transformação. O processo de apropriação do conhecimento é realizado pelo aluno em particular, com suas formas únicas de aprendizagem.

Para orientar tal processo, o professor tutor precisa, além de ser conhecedor de sua área de atuação, ter conhecimentos relacionados aos processos de aprendizagem, a metodologias e atitudes que favoreçam o aprendizado na área. Ao propor as aulas em ambiente virtual, ele precisa pensar em ações que viabilizem o acompanhamento do processo de aprendizagem dos alunos, não apenas de produtos finais. Assim, é importante propor ações de interação coletiva e interagir tanto nesses espaços quanto em espaços de produções individuais, desafiando continuamente cada estudante.

Por exemplo, em uma aula a distância, ao acompanhar o estudo de uma temática ou problemática em um espaço de fórum, o professor tutor precisa estar atento aos conhecimentos prévios dos alunos, o conhecimento já construído por eles. Assim, partindo de uma questão norteadora do estudo, participa do estudo apresentando novas questões e informações ao debate, de forma articulada com os conhecimentos prévios dos alunos e com as dúvidas que vão surgindo. Dessa forma, contribui para que a nova informação seja mais facilmente compreendida pelo aluno, podendo ser transformada em conhecimento por ele.

Assim, o professor tutor, especialista em sua área de conhecimento, irá desenvolver o seu papel de orientador no ambiente virtual propondo questões para serem discutidas em espaços desse ambiente virtual. Essas questões, segundo Scherer (2003), não remetem a respostas imediatas, mas exigem reflexão, estudos, posicionamento, ou seja, são questões permeadas por

perguntas que desafiem o aluno a pensar. Contudo, para fazer perguntas que gerem interação entre os estudantes, que gerem aprendizagem, o professor tutor precisa acompanhar todos os movimentos dos alunos no ambiente, compreendendo suas diferentes conceituações, bem como a forma de pensar de cada um e do grupo. Dessa forma, situa-se em relação à conceituação dos alunos e os desafia com perguntas que problematizem suas certezas em relação à temática ou problemática em estudo.

O professor tutor, orientador de aprendizagem, ao desafiar os alunos para que estabeleçam novas relações com a temática em estudo, também precisa sistematizar e formalizar, a partir das conjecturas e conclusões dos alunos, os conteúdos da disciplina ou curso. Ao acompanhar um encontro virtual, uma aula, com o grupo, independentemente de tempo do encontro (horas, dias), o professor tutor, habitando o ambiente, conhece os seus alunos, seus interesses e os seus conhecimentos prévios. Com essas informações, lança perguntas que “mexem” com as certezas dos alunos, obtendo a atenção destes, mobilizando-os a quererem estar no ambiente, desafiados por almejam compreender, buscar, articular e produzir mais.

Essas perguntas são a “chave” para favorecer a aprendizagem no ambiente virtual. Se o professor tutor consegue formulá-las, os alunos entram nesse ambiente, participam dos encontros, habitam a disciplina e/ou curso. Sem “chave”, fica difícil entrar! O problema de muitos professores tutores reside em conseguir formular perguntas que desequilibrem cognitivamente o aluno a ponto de despertar o seu interesse e a sua atenção para discutir mais a temática e/ou a problemática.

Assim, a pergunta precisa converter-se em um desafio para os alunos refletirem, posicionarem-se, compararem, argumentarem, analisarem e contra-argumentarem. Cabe ao professor tutor, a cada intervenção nos encontros, trazer novos elementos, relações e questões. Daí a importância de ser conhecedor de sua área de atuação e dos processos de aprendizagem dos alunos. Não é saber

tudo da área ou disciplina, mas conhecer muito e estar disposto a aprender mais, seja em ações de formação continuada, leitura, seja nas interações com os alunos.

Além de o professor tutor trazer novos elementos a cada intervenção, ele deve desafiar os alunos a buscarem novas informações, orientando-os nessa busca, ensinando-os a selecionar materiais relevantes, a interagir com um *applet* ou *software* que provoque suas certezas em relação a conceitos da temática ou problemática em estudo. Após e durante a seleção, cabe ao professor tutor orientar os alunos a fazerem análises dos materiais selecionados, comparando-os a outros, desafiando o estudante a criar, a produzir e a socializar o seu material, em diferentes espaços do ambiente virtual.

Outra ação importante do professor tutor é a de saber observar para intervir. Muitos são os momentos, num ambiente virtual, em que, para estabelecer um processo de colaboração e cooperação entre os diferentes alunos do grupo, em torno de um estudo ou questão, o professor tutor precisa ficar em “silêncio”, sem escrever, sem falar em uma webconferência. Esse estado de silêncio não pode ser traduzido por abandono, mas por uma postura de observação, de análise e planejamento. São momentos, períodos, em que precisamos avaliar o quanto o grupo, sem um mediador que orienta e articula, se autorregula, decide, questiona, tem autonomia. São momentos de avaliação que possibilitam ao professor tutor pensar em novos sentidos, ações, questões, direções e aprendizagens.

O tempo de duração desse “silêncio” é determinado pelo objetivo que o professor tutor tem em se “distanciar” do grupo, lembrando que a distância aqui está relacionada ao silêncio, pois é um momento em que é necessário ser um exímio habitante. Assim, a depender do grupo e do objetivo, esses tempos variam. No entanto, o professor tutor precisa usar de seu conhecimento para “voltar ao ambiente”, com intervenções, no momento “certo”, senão poderá perder o grupo e o momento de aprendizagem do grupo.

Da mesma maneira que é preciso silenciar, o professor tutor precisa oportunizar que os alunos “falem”, escrevam, expressem-se no ambiente virtual. Nesse ambiente, não há necessidade de esperar a vez para “falar”, é preciso apenas ter acesso ao ambiente e falar, escrever, pensar, comunicar-se, ler, estar lá, habitando-o.

Ao possibilitar que o aluno se expresse, a partir das propostas de ação nos encontros, o professor tutor não pode perder nada daquilo que “falam”, é momento de estar atento, de não deixar desviar nada, de questionar sem deixar a temática se esgotar. Para tal, é preciso que o professor tutor sempre apresente uma nova hipótese, nova proposta de leitura, novos conteúdos, linguagens e interações em *applets*, *softwares*, novos caminhos, favorecendo o aprendizado dos alunos. Nesses movimentos de aprendizagem, ao favorecer que as certezas interajam com as dúvidas, o professor tutor deve atentar-se para o fato de que “O conhecimento é, com efeito, uma navegação que se efetiva num oceano de incerteza salpicado de arquipélagos de certeza” (MORIN, 2002, p. 61).

Outro fator importante a ser observado é que, nesse movimento de certezas e incertezas, o professor tutor deve cuidar para não direcionar a discussão apenas para o que ele considera importante, para as suas certezas, desconsiderando ou não valorizando as certezas e dúvidas do aluno. Se assim o fizer, fará com que esse se sinta desvalorizado e não habite o ambiente virtual, por não se interessar ou não se sentir curioso em relação ao que é discutido.

Assim, o professor tutor, ao introduzir novas questões, atento aos movimentos de aprendizagem dos alunos, possibilita o estudo e a discussão de novos conteúdos, que oportunizam a aprendizagem de novos conceitos e/ou aprofundamento dos já apreendidos. Portanto, pensando no papel desse professor orientador, a ideia de um professor tutor que não seja especialista na área de atuação, profundo conhecedor da área, descaracteriza o processo educativo que estamos discutindo. Para intervir, planejar, introduzir novos elementos, fazer a leitura dos conceitos prévios dos alunos, o professor tutor precisa conhecer muito bem a sua área e situá-la no contexto local e global.

Já discutimos o papel do professor tutor como articulador de espaços e tempos de aula, bem como o de orientador de aprendizagem. A seguir, discutiremos o papel do professor tutor como orientador ético, preocupado com a atitude dos alunos ao participarem de ações e interações em espaços coletivos como o do ambiente virtual de aprendizagem.

O professor tutor como orientador ético

Em ambientes virtuais de aprendizagem, assim como em outros espaços coletivos, temos de aprender a conviver e aprender coletivamente, respeitando o outro como alguém que pode pensar e agir de forma diferente da nossa, não exigindo a submissão desse às nossas vontades. O professor tutor, ao respeitar os alunos em suas diferenças, percebe que há outros mundos e outras verdades, e deve favorecer que o grupo de alunos aprenda a conviver com essas diferenças, com a percepção do outro como sendo diferente, com outra história de vida, em busca da harmonia. Ao se expressarem nos ambientes virtuais, os alunos precisam ter liberdade, assim, aos poucos, o professor tutor pode orientá-los para que esse convívio seja harmonioso.

Esse papel do professor tutor pode ser considerado como sendo o de um orientador ético, compreendendo a ética como a preocupação que cada pessoa tem pelas consequências das próprias ações sobre o outro. É preciso que o professor tutor oriente cada aluno a preocupar-se com o outro. Afinal, “não há preocupação pelo que acontece a outrem com as próprias ações se o outro não pertencer ao âmbito de existência social de alguém, isto é, se não for visto como um legítimo outro na convivência” (MATURANA; RESEPKA, 2000, p. 44-45).

Para orientar os alunos no ambiente virtual, onde livremente se comunicam, o professor tutor deve ficar atento para oportunizar a expressão do aluno, o aparecimento de suas certezas, mostrando o que e como age diante da informação e de suas relações com o outro e com o grupo. Assim, aos poucos,

o professor tutor intervém, podendo orientar o aluno quanto à forma como age no ambiente virtual, orientando-o nessa nova aprendizagem e forma de viver em grupo.

Ao orientar para que o aluno reflita sobre o seu fazer, na busca de uma nova construção, afirmação ou produção, o professor tutor também precisa refletir. A reflexão é uma ação na qual, segundo Maturana e Resepka (2000, p. 31), “se abandona uma certeza e se admite que o que se pensa, o que se tem, o que se deseja, o que se opina ou o que se faz pode ser olhado, analisado, e aceito ou rejeitado como resultado desse olhar reflexivo.”

O ambiente virtual de aprendizagem é um espaço aberto que favorece a reflexão, mas, para tal, temos de nos dispor a refletir, pois não reflete aquele que, ao habitar um ambiente virtual, nega a diferença do outro na ação do conviver, negando a ação de reflexão. Eis uma ação a ser planejada e orientada pelo professor tutor no ambiente virtual, pois há muitos alunos, mesmo no ensino superior, que não percebem o outro como legítimo outro e negam-se a refletir sobre seus fazeres. E como o professor tutor pode orientá-los? Desafiando-os para novos fazeres e para a reflexão sobre estes.

Para essa orientação, o professor tutor também precisa agir e refletir sobre suas ações, respeitando o outro como legítimo outro, aberto para refletir e repensar as suas ações como profissional. Para orientar os alunos, o professor tutor precisa ser coerente, tornando a coerência parte de seu fazer como profissional, da sua atitude como professor tutor; ou seja, o seu discurso deve ser ouvido, lido e compreendido na sua ação e na sua prática docente, sem a necessidade de usar palavras.

Algumas considerações

Os papéis do professor tutor apresentados neste artigo consideram a necessidade de encontros, aulas, na modalidade de educação a distância. São aulas com intencionalidade, norteadas por objetivos de aprendizagem, aulas que se constituem no currículo em ação, a partir de um currículo prescrito, o qual deve ser pensado a partir de uma abordagem de construção de conhecimento, atento aos alunos, suas certezas e dúvidas.

No entanto, esses são apenas alguns dos papéis do professor tutor que vão sendo desvendados a cada experiência, a cada turma, a cada reflexão em espaços de estudo e debate do tema. Contudo, algumas dessas atitudes são essenciais para pensarmos a EaD, como destacamos a seguir.

O professor tutor, que guarda e vigia a aprendizagem do aluno, esperando para que o educando seja habitante dos espaços virtuais, sendo o professor tutor um/uma habitante; esperando pela atitude de abertura do aluno em relação ao diálogo, sendo humilde em reconhecer o que ainda não sou e o quanto ele/ela pode me ajudar a ser; esperando ao desafiar, lendo/ouvindo/compreendendo o aluno, compreendendo e levando-o a compreender o erro como parte do processo de criação, questionando as suas certezas, alimentando as dúvidas, promovendo o diálogo.

Uma disciplina não existe de forma isolada, ela faz parte de um todo maior – o curso ao qual pertence, a instituição, a região, o país, o mundo. Assim, as discussões, tanto nos ambientes virtuais quanto nos presenciais, jamais podem resumir-se a estudos de fragmentos de uma área do conhecimento, desconectadas de um todo, de intencionalidades, de um currículo prescrito. Fazemos parte de um todo e necessitamos estar conectados, unidos a ele e a diferentes elementos ao mesmo tempo.

São muitos os desafios que vivenciamos na EaD como educadores, mas o importante é tomarmos sempre a decisão pensando no perfil dos alunos e da sociedade que queremos para habitar. A partir disso, temos de decidir entre sermos professores ou simplesmente tutoriar os alunos, no sentido restrito da palavra; entre visitar ou habitar os ambientes virtuais; entre informar ou educar; entre apenas ensinar ou sermos aprendizes/pesquisadores.

Temos de decidir, conscientes de que, conforme Giroux (1997), só educaremos os alunos para serem cidadãos ativos e críticos se nos tornarmos intelectuais transformadores. E, para tal, temos de investir cada vez mais na formação continuada de professores para atuarem na modalidade EaD, afinal, em sua maioria, os professores do ensino superior vivenciaram processos de formação inicial e continuada apenas na modalidade presencial; portanto, muito ainda há por aprender nessa modalidade, que, apesar de antiga, ainda nos parece tão recente.

Referências

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; VALENTE, José Armando. *Tecnologias e currículo: trajetórias convergentes ou divergentes?* São Paulo: Paulus, 2011.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). *Dicionário em construção: interdisciplinaridade*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Interdisciplinaridade: qual o sentido?* São Paulo: Paulus, 2003.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 2. ed. Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

GIROUX, Henry A. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* 2. ed. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1998.

MASETTO, Marcos Tarcísio. *Competência pedagógica do professor universitário*. São Paulo: Summus, 2001.

MATURANA, Humberto; RESEPKA, Sima Nisis de. *Formação humana e capacitação*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

MORAN, José Manoel. *Pedagogia integradora do presencial-virtual*. Set. 2002. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prf/moran/pedagogia.htm>>. Acesso em: 6 jun. 2003.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 3. ed. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 128 p.

_____. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. São Paulo: Cortez, 2002.

PRENSKY, Marc. *Não me atrapalhe, mãe – eu estou aprendendo: como os vídeos games estão preparando nossos filhos para o sucesso no século XXI – e como você pode ajudar!* Tradução de Lívia Bergo. São Paulo: Phorte, 2010.

SCHERER, Suely. *Uma estética possível para a educação bimodal: aprendizagem e comunicação em ambientes presenciais e virtuais*. 2005. 240 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

_____. O papel do professor nos ambientes virtuais de aprendizagem. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – MERCOSUL, 7., 2003, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis-SC: CTAI-Senai, 2003. p. 270-274.

Este livro foi composto em Helvetica Word 12
no formato 210x225 mm e impresso no sistema
OFF-SET sobre Papel couchê fosco 75 g/m2,
com capa em papel Couchê fosco 250 g/m2

ISBN 978-85-230-1057-7



9 788523 010577

Ministério da
Educação



UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL



Universidade de Brasília